Quanto ao bloqueio, considera-o o povo alemão como uma tentativa criminosa e revoltante para fazer capitular o inimigo por meio da fome de milhões de mulheres e crianças inocentes.

Quanto às manifestações imperialistas dos Aliados, da parte de poderosos jornais e corporações político-comerciais — «guerra ao comércio alemão», «capitulação incondicional», «castigo» sob a forma de mutilação territorial, desmembramento, estrangulação económica ou privação permanente de colónias, produzem a convicção de que se trata duma guerra premeditada ao comércio e à indústria tam florescentes e avassaladoras dos alemães.

Quanto aos relatórios belgas, que vão de 1907 a 1913, mostram o que os diplomatas do desgraçado país pensavam dos manejos da diplomacia franco-inglesa, agressivamente antigermânica, ocupada em isolar e vencer a Alemanha, com o apoio de grandes gazetas influentes. E se isto assim parecia aos belgas, como não havia de parecer aos alemães?

O Estado de espírito dos povos germânicos é, pois, compreensível e explicável. Para êles, os aliados querem reduzi-los pela fome; depois, destruir-lhes o comércio, fechar-lhes os mercados, arruinar-lhes as indústrias, arrancar-lhes as colónias e o direito de as possuir jamais, levar os operários à miséria e à emigração (o que, se possível fôsse, os tornaria concorrentes do proletariado dos países «vencedores», rebaixando-lhe os salários). E quando ouvem falar em esmagar o «militarismo prussiano» ou a «dominação da Prússia», entendem naturalmente a Alemanha, o seu comércio, a sua marinha, a sua prosperidade, a sua concorrência nos mercados. A guerra de fora não pode isolar e destruir o militarismo. A história, diz Morel, mostra as conseqüências dêsse êrro.

No qual, agravando-o por causa da sua posição, colaboram até alguns revolucionários!

Aos camaradas

Continuamos a chamar a atenção dos camaradas para a subscrição que iniciamos, com o fim de cobrir o deficit de A AURORA.

Transporte	41$50
Joaquim Gomes de Carvalho, de S. Paulo	9$10
Francisco Lopes de Sousa, de Olhão	$30
Manoel J. M. Ramba, da Almadovar	$10
António Nunes de S. Vaz .	$10
António Gomes, de Domas .	$10
António Costa Teles, de Tondela	$10
Soma	51$30

Congresso Nacional Tipográfico

Sob esta epígrafe, publicou o nosso modesto semanário uma local apreciativa dos então projectados estatutos da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal. O secretário da Federação Tipográfica, não encarando bem a referida local, achou-a infeliz e, conseqentemente, o seu autor, enviando-nos uma carta na qual — é legítima a defesa — pretende refutar as suas passagens. Eu, o *triste* autor da *infeliz* local, vou dizer alguma coisa sobre o assunto, mesmo nesta hora em que a infelicidade apoquenta todo o mundo operário: a infelicidade da carestia da vida, a infelicidade dos péssimos ganhos, da guerra com todos os seus horrores que salpica de sangue metade da infelicíssima Europa!

Já que provoquei a questão, vamos a ela, mas de vagar e com geito, para não tropeçar em qualquer obstáculo e ficar maltratado. Apesar da vista *á vol d'oiseau* sôbre o projecto dos estatutos da Federação do Livro, a despeito da minha rudeza que me dilacera, eu ainda assim persisto na minha opinião e continuo a afirmar que o congresso que se realizou recentemente em Coimbra não foi um congresso gráfico. Todavia, para transigir um pouco, concordarei em que fôsse um congresso nacional dos trabalhadores do livro e do jornal. Para ser, como pretende o secretário da extinta Federação Tipográfica Portuguesa, um congresso gráfico, era necessário que êle fôsse constituido só para se unificar os gráficos e discutirem-se simplesmente os seus problemas. Ora no congresso de Coimbra foi resolvido mudar o título à Federação, ficando a denominar-se Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, como antes pretendiam, para poderem ingressar na Federação os revisores, repórteres, etc.

Num ofício enviado à Associação dos Litógrafos do Porto, por esta desejar que o novo título da Federação fôsse outro que não o proposto e agora aprovado — visto hoje os litógrafos pouco ou nada trabalharem em jornal ou livro e portanto haver a dúvida se poderiam ou não pertencer à Federação — o secretário do aludido organismo desculpou-se que o título não podia ser mudado, em virtude de nele poderem fazer parte os fabricantes de papel, para assim ver se se podia estudar a maneira do barateamento do papel. Matutando um pouco o meu *infeliz* bestunto, nunca pôde chegar à conclusão de que os fabricantes de papel, os revisores ou repórteres sejam gráficos, pelas simples razão dos primeiros fazerem papel e os segundos escreverem nêle. Seriam gráficos os empregados de escritório, os entregadores, etc. Assim, por êste andar, seria todo o mundo gráfico: os que preparam as matérias primas para a fabricação do papel, das tintas e das purpurinas, bem como os carpinteiros que fazem as caixas e os galeões, os serralheiros e fundidores que fazem as máquinas, os componedores de ferro, as ramas, etc., etc.

Sendo assim, como autor que sou da infeliz local, persisto na teimosia: não foi um congresso nacional gráfico: quando muito, para nos harmonisarmos, podemos dizer que foi um congresso nacional dos trabalhadores do livro e do jornal.

Como isto não vai a matar, continuarei para a semana.

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

A psicologia do intervencionismo

I

Todos os governos quiseram e provocaram a guerra, mas todos procuraram colocar-se na situação simpática de provocados e agredidos. Uns por poderem esperar melhor preparação e melhor oportunidade outros por terem uma opinião pública mais inquieta e difícil de contentar, houve-os que deixaram que a declaração e a agressão pública viessem do inimigo. A própria Alemanha, à qual conveio tomar a iniciativa rápida do ataque, sentiu a necessidade de «demonstrar», com larga cópia de argumentos e documentos, que se tratava de uma guerra defensiva contra o tsarismo e preventiva contra o assalto em preparação, e que o conflito se devia sobretudo à Rússia e à Inglaterra. Quando quando não havia aparências, não havia factos palpáveis superficiais mas brilhantes, recorria-se à invenção, ao exagêro, à narração unilateral dos episódios e acontecimentos. Assim, na Alemanha, nos primeiros dias da conflagração, todo o povo estava perfeitamente convencido de que os franceses tinham sido os primeiros a invadir o território inimigo, assim como a violar a neutralidade belga, que os exércitos alemães corriam a garantir...

Mas as mais brilhantes aparências eram em favor dos Aliados: o ultimato da Austria à Sérvia, a declaração de guerra da Alemanha, a declaração de neutralidade italiana, baseada na agressão austro-alemã. Depois, a socialdemocracia germânica, que, precisamente por causa da iniciativa do ataque da parte dos impérios centrais e em virtude da consciência e fôrça por ela mentirosamente alardeadas, devia igualmente tomar a iniciativa da resistência ao Estado e à burguesia, mostrou-se de modo fulminante aburguesada e nacionalista. O efeito deprimente e desorientador desta cooperação de classes foi, como sempre, terrível. Tôda a Germânia, do mar do Norte aos Balcãns, pareceu ser um bloco político e social, imperialista e agressivo. Acudiram aos espíritos as desastrosas conseqüências da guerra de 70, geralmente atribuidas à derrota da França, como se estivesse provado que a vitória da França de Napoleão III ou de Thiers teria produzido menos militarismo e menos reacção. A guerra dos Aliados, mesmo com a Rússia, esquecida e perdoada por acompanhar a França, tomou o aspecto de cruzada defensiva contra o militarismo agressivo.

No meio de tôdas estas aparências, muitos revolucionários viram únicamente o perigo da vitória teutónica e, num rápido, instintivo, irreflectido movimento de defesa, deitaram a mão aos meios mais fáceis, mais prontos, mais visíveis e seguiram os aliados mais preparados e dispostos. Os meios mais à mão eram contraproducentes, levavam a fins opostos; os aliados eram extremamente comprometedores, desmoralizantes e absorventes; a minoria revolucionária, aderindo à guerra e à "união sagrada, nacional, não vinha senão agravar o mal, fortalecendo e justificando a atitude da socialdemocracia tudesca, a «união sagrada» dos impérios centrais, além de robustecer enormemente no espírito público a idea da necessidade de guerras e armamentos defensivos... do Estado; e, no fim de contas devia ter sido mais ou menos de esperar a conduta da socialdemocracia. Mas não há dúvida de que a situação do proletariado francês era difícil e delicada, além de obscurecida pela incerteza, pela ansiedade e febre de momento. A onda precipitou-se, arrastando consigo muitos entre os mais conscientes e serenos. As longas justificações e teorias vieram naturalmente depois.

As atrocidades guerreiras reforçaram em seguida a impressão cansada pelos sucessos. Vemos cada grupo beligerante

insistir continuamente nas crueldades do inimigo, calando as suas e criando assim, de cada lado das trincheiras, um espírito colectivo de ódio e de vingança. Mas, tendo sido os primeiros a invadir e a vencer, os alemães foram também os primeiros a sofrer os efeitos morais das infames brutalidades guerreiras e das revoltantes vitórias da violência. As devastações e crueldades praticadas na pequena Bélgica violada perturbaram as almas sensíveis com um enorme traumatismo moral. As questões mais diversas foram embaralhadas e confundidas e perderam-se de vista, na loucura da dor, as causas e causadores fundamentais do mal, assim como o seu radical remédio e os meios mais eficazes de o combater de momento.

Tais são, a nosso ver, as principais causas externas do movimento «intervencionista» entre os revolucionarios sociais, causas que, do seu lado, os governos exploraram largamente, adornando-se com uma mentirosa e traiçoeira auréola.

perseguições, os condenados e filiados e traiçoeiros aos que defendem essas doutrinas, longe de diminuirem a sua energia e o seu entusiasmo, mais o reforçam, mais o estimulam.

E' um facto averiguado que da reacção nasce a revolta. Ora nestas condições, a reacção produs os seus naturais efeitos. O homem reage contra tudo que o oprime. Será, portanto, grande admiração o reagirmos contra o opressão que ameaça esmagar-nos? Cremos que não. E a prova disso tudo é que apesar dos *esforços* da camarilha, as ideas evoluem, ganham adeptos, fazem progressos. Resta-nos esta consolação.

Mas não queremos terminar estas linhas sem apontarmos alguns actos dessa *gente* que, blasonando liberdades outra coisa não fás do que servir a tirania e a opressão.

No dia 19 do mês findo, o nosso camarada Jacinto Gonçalves Parente quando ia tranquilamente pela via pública, foi propositadamente empurrado por um *menino* bonito cá do burgo. Dizendo-lhe aquele que tivesse mais cuidado, pois de contrário receberia a justa paga do seu proceder, sai-lhe o pai e um irmão da besta e à cacetada tentaram matá-lo!... Nisto chega o regedor e um seu subordinado, os quais, conhecido o caso, ainda pretenderam prender o nosso comarada...

No dia 21, ao signatário destas linhas é oferecida, por um *formigaça*, uma *torrada*, no caso de não o tornar mais a cumprimentar. E nêsse mesmo dia o camarada José Elias é ameaçado de morte se tentasse voltar outra vez à secção dos Rurais!

Não contentes com isto, no dia 25, o ilustre *cabo de aviso*, achando-se numa taberna, disse, diante de quem quis ouvir, que os filiados nas associações de classe, especialmente os rurais da secção do Val de S. Tiago, não eram senão assassinos, ladrões e bandidos, que precisavam de ser enforcados!...

E é *isto* a tal república que nos *ominosos* tempos apregoavam; e é *isto* a tal fraternidade que êstes gajos pregam; e é *isto* o tam decantado regimem que todos devem amar.

Ora valha-os... uma figa, acompanhada de mais quatro...

L. GODINHO.

Basta, senhores

ESTÁ provado que, em Val de S. Tiago, se constituiu uma liga antisocial, ou, para melhor dizer, uma sociedade de responsabilidade limitada que tem por fim lançar trabalhadores inconscientes e desorientados contra os seus irmãos do infortúnio, só porque êste, não lendo pela mesma cartilha da casta parisitária e detentora do bem estar da humanidade que sofre, cometeram o *grande e orrivel* crime de se associarem...

Semelhante procedimento que, noutros tempos, seria tomado à conta duma grande ignominia, parece ser hoje muito natural e muito justo ao ponto de ser aplaudido por quem o devia condenar. Mas, como mudaram as coisas públicas, é possivel também que mudasse o modo de pensar.

Por isso, afigura-se-nos da maior oportunidade, que é necessário sairmos quanto antes da letargia profunda em que nos encontramos para gritarmos bem alto: *Basta, senhores*, e principiarmos novamente a demonstrar que a causa que defendemos não é aquilo que êles hipòcritamente *afirmam*, que o ideal anarquista não é, nem mais nem menos, do que a felicidade a que todos os habitantes do planeta teem direito; que as nossas teorias possuem um cunho prático, realisável, não em benefício duma casta, mas em favor de todos os que trabalham.

Igualmente é necessário dizer-lhes que as ameaças, as

NA BARRICADA

Semanário anarquista do Brazil = Preço $02 (20 reis). A' venda na redacção de "A Aurora". Em Lisboa na Tabacaria Ideal, rua dos Correeiros 211.

Diz o tacho à sertã...

De Ricardo Cobden, célebre economista inglês (1804-1865), nos seus *Political Writings*, pag. 153-154:

Os russos são por nós acusados de ser um povo absorvente. Desde a jornada de Pultava até à época da passagem dos Balcans, dizem os oradores, jornalistas, revisteiros e publicistas, o govêrno de S. Petersburgo tem-se dedicado ao roubo e ao furto. Mas, nesse comenos, tem estado ociosa a Inglaterra? Se durante o século passado a Rússia saqueou a Suécia, a Polónia, a Turquia e Pérsia, a Grã-Bretanha, no mesmo período, roubou — não, seria uma frase incivil — «alargou os limites dos dominios de Sua Majestade» à custa da França, Holanda e Espanha. ... Com certeza não somos nós a nação exactamente indicada para prègar homílias em favor da observância nacional do oitavo mandamento: A Inglaterra e a Rússia, acusando-se enfre si de engrandecimento injusto, dão tam cómico espéctaculo que por fôrça nos lembram os dois figurões da ópera do mendigo. ... O leão britânico e o urso russo, em vez de se dilacerarem um ao outro, melhor fariam abraçando-se e sendo amigos. «Irmão urso, irmão urso, temos ambos culpas no cartório.»

De Lord Roberts, marechal inglês há pouco falecido, *Message to the Nation*, pag. 8-9:

«Como foi fundado o Império Britânico? Foi a guerra que o fundou — a guerra e a conquista. Quando nos, portanto, senhores por meio da guerra dum têrço dum globo habitável, quando nós propomos à Alemanha que desarme, reduza a sua esquadra ou diminua o seu exército, a Alemanha naturalmente recusa; e apontando, não sem justiça, para a estrada pela qual a Inglaterra, de espada na mão, trepou para a sua preeminência, declara, abertamente ou na linguagem velada da diplomacia, que pelo mesmo caminho, se outro não houver, está a Alemanha decidida a subir também. ¿Quem entre nós, conhecendo o passado da nossa nação e o passado de tôdas as nações e cidades que juntaram o brilho do seu nome aos anais humanos, pode acusar a Alemanha ou considerar a afirmação dum dos seus maiores, há ano e meio, com outros sentimentos que não sejam os de respeito?»

Todos os imperialistas se aprovam e admiram entre si e todos, no seu íntimo ou em público, põem a questão no exclusivo terreno da fôrça e da manha. O resto são hipocrisias para doirar a pilula e arrastar as massas.

Os imperialistas e imperialismos diversos dão lições uns ao outros. E aproveitam-nas.

Quem não aproveita as lições — ou leva muito tempo a fazê-lo — é o povo ingénuo!

Trechos escolhidos

Porque temos repelido com energia qualquer conivência ou aliança com a politica burguesa, mesmo a mais radical, pretendeu-se tola ou caluniosamente que, considerando apenas o lado económico ou material da questão social, éramos indiferentes para com a grande questão da liberdade e nos pùnhamos assim nas fileiras da reacção. Um delegado alemão até ousara declarar, no Congresso de Basileia, que quem não reconhecesse, com o programa da democracia socialista germânica, «que a conquista dos direitos politicos era a condição prévia da emancipação social», — ou noutros termos: que para libertar o proletariado da tirania capitalista ou burguesa, era preciso primeiro aliar-se com essa tirania para fazer uma reforma ou uma revolução politica, — era consciente ou inconscientemente um aliado do cesarismo.

Esses senhores enganam-se muito — e, «conscientemente ou inconscientemente», esforçam-se por enganar o público — a nosso respeito. Amamos a liberdade mais do que êles; amamo-la a ponto de a querer completa e inteira; queremos a sua realidade e não a sua ficção; e é precisamente por isso que repelimos absolutamente qualquer aliança burguesa, estando convencidos de que qualquer liberdade conquistada, graças à politica burguesa, com os meios e armas da burguesia, ou em virtude duma aliança desastrosa com ela, poderá ser bem real e bem proficua para os senhores burgueses, mas para o povo jamais passará duma ficção.

(Oeuvres, *vol. IV, p. 37*).

BAKUNINE.

Reaparece em 1.º de janeiro

A SEMENTEIRA

Mensario ilustrado
Critica e sociologia

AVULSO, 2 CENT.

Correspondência, colaboração, etc., pode ser enviada desde já para o

CAIS DO SODRÉ, 88
Lisboa — Portugal